



«VAMOS PRODUZIR
MAIS E MELHOR»

A VOZ DO LAVRADOR

Candidatos para a Eleição da Direcção da Cooperativa Agrícola de Barcelos (Lista B)

ASSEMBLEIA GERAL

Joaquim da Silva Pereira — Viatodos
Paulo da Silva Azevedo — Midões
Domingos da Silva Ribeiro — Fonte Coberta
Laurentino Azevedo — Viatodos

ADEGA COOPERATIVA

A Adega Cooperativa, serviu de cobertura para uma reunião da CAP, para aprovarem os estatutos da sua instalação no concelho de Barcelos. Os doutores, técnicos agrícolas e senhores, servem-se de alguns agricultores para defenderem os seus próprios interesses.

ELEIÇÕES EM 31/3/1979

DIRECÇÃO

José Ferreira da Silva Loureiro —
Carvalhas
Joaquim Luís de Miranda Faria —
Faria
Adelino do Val Alves — Perelhal
Manuel Barros da Silva Miranda
— Creixomil
Adérito de Sá Ferreira — Silveiros
Armando Ferreira Borges — Sequiade

CONCELHO FISCAL

José Ferreira de Campos — Pedra Furada

António Brandão da Silva — Abade do Neiva
Manuel Carvalho Torres — Barcelinhos

DELEGADOS À UNIÃO DAS COOPER.

José Ferreira de Campos — Pedra Furada
José Ferreira da Silva Loureiro —
Carvalhas
Joaquim Luís de Miranda Faria —
Faria
Manuel Barros da Silva Miranda
— Creixomil
Adérito de Sá Ferreira — Silveiros
António Brandão da Silva — Abade do Neiva
Manuel Trancoso de Freitas — Barcelinhos

DELEGADOS AO CONS. MUNICIPAL

José Ferreira de Campos — Pedra Furada
Paulo da Silva Azevedo — Midões

(Continua na pág. 3)

EDITORIAL

Governos contra a Agricultura morrem todos.

Só teremos estabilidade governamental, nas associações da lavoura, e em todos os postos administrativos locais, quando os dirigentes apoiarem de coração aberto os agricultores que laboram a terra. Todos sabem o que se passou com a importação de batata de semente, falando-se num grande suborno. Os agricultores, através das associações, desmascararam as manobras do grande intermediário importador, e o inquerito e só o inquerito, não passa de uma forma de desculpa.

Na batata de consumo é o mesmo baile, junta-se a fuga ilegal de vitelos para a Espanha, enquanto por outro lado, a Junta Nacio-

(Continua na pág. 2)

O doutor e os burros

Há burros que parecem doutores e há doutores que parecem burros.

É assim que os doutores da CAP chamam aos seus agricultores, porque os agricultores da CAP do PPD não se fizeram representar em parte nenhuma. Quem representa a CAP do PPD é um doutor; doutor esse que há uns tempos para cá se têm feito ouvir num dos jornais de Barcelos, como representante da CAP do PPD. Em dada altura, dizia o doutor que antigamente os filhos dos agriculto-

res mais finos iam estudar e na terra ficavam os burros.

Ao escrever estas linhas, na qualidade de agricultor, em defesa da minha honra e de todos os agricultores que não estão inscritos nem são simpatizantes da CAP-PPD-M. Pinto. Mas, se por acaso, houver alguns agricultores que estejam agrupados nestas letras (CAP-PPD-M. Pinto) ainda estão a tempo de reverem as suas posições.

Dizemos ao sr. doutor que não somos burros nem hipócritas.

(Continua na pág. 2)

A REVOLTA RURAL

Há pouco tempo, um grupo de Agricultores, reuniram-se em Barcelos para se aprofundarem no exame à política rural. Os resultados foram bastante pessimistas. O agravamento da política agrícola, com a reocupação pela CAP dos lugares de destaque, agravou a situação e a revolta rural é inevitável. Aqui e além aparecem focos de revolta. Vila Pouca de Aguiar é um deles. Por outro lado, quem tem seguido os rurais mais activistas

têm sido os partidos; quer-nos parecer que os partidos não perdem o controlo. Há rurais bem mentalizados que nem a CIA se atreve a destruir a forma nem ninguém, pois os sintomas que aqui e além surgem são de luta individual. Eles sentem que a luta colectiva lhes oferece garantias de continuidade e não lhes interessa o desmascaramento. Interessa-lhes, isso sim, a continuidade como meio de pressão política.

(Continua na pág. 3)

Criança na Cadeia

Comemora-se, este ano, o Ano Internacional da Criança.

Por todo o País é festejado com festas dedicadas às crianças.

No Palácio de Cristal do Porto, as crianças dão largas à sua alegria. Em contra-partida, na Cadeia de Custóias uma criança de

tenra idade vive dentro dos seus muros.

Soubemos desta triste situação através do «Jornal de Notícias», do Porto (8-2-79) e do semanário de Lisboa «O JORNAL», do dia (9-2-79).

A história parece ser política.

Trata-se de uma mãe que foi presa por motivos políticos, segundo a inspecção dos textos. Essa mãe, tem uma filha de 15 meses e, segundo dizem os ditos jornais, foi transferida de uma cadeia de Lisboa para a do Porto num carro celular com 10 janelas-postigos e só 2 tinham vidros. Chovia sem parar e esteve 7 horas sem comer.

Não conhecemos a mulher, nem queremos saber qual a política que perfilha. Queremos saber, isso sim, que crime cometeu aquela criança para estar presa.

Será que a mãe não poderia sair à fiança até o dia do julgamento?

Mesmo depois de julgada e porventura condenada, não se poderia cumprir a pena depois de a criança não ter de precisar dos cuidados maternos mais necessários?

Aqui fica o alerta!

EDITORIAL

(Continuação da pág. 1)

nal do Vinho (que é o presidente da CAP) importa milhões de litros de vinho, a lavoura ou vende muito barato ou já não vende.

Isto tudo sem falar-mos na carestia dos adubos, sulfatos e pesticidas, máquinas, gasol, etc. Pela nossa análise, os governantes fazem isto tudo de propósito para arrumar com os pequenos agricultores de uma vez para sempre, sem que eles deixem por ela. O agricultor atento deve ter ouvido na rádio e lido nos jornais nas empresas dimencionadas que quem fala nisso é a CAP e o Governo, onde dominam os grandes. Já em vários artigos afirmamos categoricamente que não é pela grandeza que se mede a rendabilidade de uma casa de lavoura, e por isso, temos lutado pela sua sobrevivência e lutaremos nem que tenhamos de recorrer às forças armadas para nos ajudarem.

O Doutor e os Burros

(Continuado da pág. 1)

Podia ter acontecido algo de verdadeiro, mas, na maioria dos casos eram os filhos dos grandes senhores os doutores burros.

Creixomil (Barcelos)

Não pagaram o abono só porque vendeu o filho

O sr. Barros da Silva, é um pequeno proprietário em Creixomil. Este Agricultor, com uma exploração com uma área de 3 hectares, esforça-se por uma produção intensiva. Nesse sentido (segundo ele nos conta), foi reduzida a encomenda de uma vaca holandesa. Candidatou-se na Cooperativa, em Barcelos, onde a mesma exigia um depósito adiantado e um prazo de cinco anos. No primeiro, exigiram uma entrada de vinte por cento, sujeito ao juro de 16,5%, prometendo que a novilha teria, ao primeiro parto, mil escudos; no segundo, outros mil. Só porque esperou dois meses para eles virem ver o vitelo, e não podendo esperar mais, vendeu o vitelo. Quando eles chegaram, não tinha o vitelo em casa, perdi o dinheiro. A Voz do Lavrador pergunta a quem de direito que os funcionários não apartam as vacas paridas das outras. Segundo nos diz o sr. Barros, a qualidade saiu muito fraca. Segundo nos informaram, foram à Holanda escolhê-las e fazer o negócio,

uma delegação da União de Vila do Conde. Segundo disseram, as vacas lá estavam boas, mas aqui, a descarregar, como eu vi, eram fracas na maioria. Deste modo, tiveram que proceder a um sorteio onde a sorte deu vacas fracas pelo preço das boas. Não se compreende como são feitos estes negócios, nem estas promessas de abono de família das vacas.

Aconteceu

Em Vila do Conde, na freguesia de Parada, um senhorio de terras, tentou dar tiros no seu caseiro. Este passou-lhe a luva aos colarinhos e desarmou-o.

O caseiro, não desejando continuar a fazer a terra, por causa do sucedido, retirou o seu gado, e instaurou um processo no tribunal de crime e de indemnização pois que as ameaças constantes foi forçado a abandonar as terras por falta de condições de segurança.

Celorico de Basto

Um técnico agrícola, é dono de vinte e cinco quintas, com a média de 5 hectares cada uma; segundo as informações, vinte estão a bravo.

Enquanto estão as quintas a bravo, em Lisboa, descarregou-se um barco com vinte e cinco mil toneladas de trigo, oferecidas pelo Canadá.

Será que Portugal é um pobre rico, onde, por um lado, recebe esmolas porque é pobre; por outro, é rico, porque dá-se ao luxo de não precisar de fazer a terra?

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PISCAS

ESTAÇÃO AGRÁRIA DE BRAGA

Serviço de Extensão Rural

CRÉDITO AGRÍCOLA

O Crédito serve para pôr a Lavoura a produzir mais e melhor

Os Bancos e as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo existem para emprestar dinheiro, sem favor porque cobram os Juros

RECORRA AO CRÉDITO • MELHORE A SUA
EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA • INFORME-SE
E ACONSELHE-SE ANTES DE DECIDIR

Dirija-se à

Brigada de Extensão do Ministério da Agricultura

TODOS OS DIAS DE FEIRA
NA SEDE DO EX-GRÊMIO OU COOPERATIVA
DO SEU CONCELHO

Diziam que queriam um filho doutor, custasse o que custasse; nem que fosse um burro de cartola (era um doutor). Os maus, os preguiçosos, os oportunistas, os tralfulhas, esses iam estudar (excepto um punhado de homens sérios). Os sérios, nós honrámo-los. Mas essa cambada de intoxicadores, nós, os agricultores honrados, só temos pena por eles terem tanta dificuldade em compreender que esses homens não os servem.

«A VOZ DO LAVRADOR»

é um Jornal independente
é nosso! é da Lavoura!

Quero assinar

A VOZ DO LAVRADOR

Nome _____

Morada e Freguesia _____

Concelho _____

PREÇO DE ASSINATURA ANUAL . . . 60\$00

Envie este impresso à Redacção acompanhado do valor correspondente à Avenida da Liberdade, 48-3.º — Barcelos

A VINHA

Há várias formas de plantar vinhas. Há a tradicional, que se classifica de plantação à toa, desalinhada, sem selecção, de porta enxertos e de castas, muito usada nas bordaduras com ramadas tradicionais. Este sistema é muito usado no aproveitamento das beiras dos campos, padece de falta de alinhamento na plantação e condições de ramadas, que permitam a colheita directa para atrelados ou carros de bois. Neste caso, aconselhamos a plantação alinhada e a construção de uma ramada que permita uma mecanização desembaraçada no maneo da terra, assim como uma colheita rendosa para atrelados, pois que a colheita à escada não só é cara como muito pouco rendável. Na região dos vinhos verdes há ainda mais três modelos de armação, como por exemplo: o bardo, pouco ou nada usado; o lateiro, muito usado, mas com tendência para baixar o seu uso, devido à parte mais baixa do lateiro não permitir uma colheita para atrelados em condições perfeitas; finalmente, temos a mais moderna, a vinha de tê, que os técnicos veem aconselhando os agricultores, na construção. Os técnicos aconselham uma plantação de vinha contínua, com 5 metros por 8, e de 1,75 m a 2, de altura, para permitir a colheita a pé.

É aqui que reside a causa deste artigo, a vinha.

Está aqui a prova da capacidade progressista dos nossos técnicos, salvo alguma excepção. Os agricultores são mais progressistas. Noventa por cento da nossa vinha, é conduzida directamente para atrelados, tractores e carros de bois. Mais uma vez, temos que usar a nossa experiência e fazer a vinha de tê, mas de forma mais alta, que permita não só, a colheita, como

o próprio maneo da terra, de forma que o lavrador possa, sentado no tractor, prosseguir a lavoura com o chapéu na cabeça.

Atenção senhores técnicos, não andem para trás; a nossa experiência pode ajudá-los muito. O porta enxertos na nossa região é aconselhado o curriola preta.

Castas no branco temos o loureiro e mais, no tinto também temos o espadeiro tinto, e o tinto propriamente dito.

Quanto à forma de tê, voltamos ao tê mas para chamar a atenção de que os modelos para vinha contínua mais usados é o lateiro e tê, mas o tê torna o investimento mais barato pois que é um pé só com dois fios, e melhora muito a qualidade do vinho por ser muito arejado.

A quem tenha forma de tê, triplica, isto é, em vez de ser a vinha contínua para a ser descontínua; o claro, em vez de ter a largura de cinco metros, passa a ter quinze, e o tê em vez de ter um metro com dois fios, passa a ter quatro metros com cinco fios.

Aqui reside a vantagem da utilização de outras culturas e menos embarrilhos.

Plante a sua vinha em lugar apropriado, e beba com Deus.

Câmara contra os lavradores

A Liga dos Agricultores de Barcelos distribuiu uma trajeta em que alertava as lavradeiras vítimas e todos os lavradores em geral, e presidentes de juntas em particular, para que estas apresentem propostas na Assembleia em defesa dos agricultores.

Assim, a Câmara, anda a empurrar as lavradeiras, que ven-

Candidatos para a Eleição da Direcção da Cooperativa Agrícola de Barcelos Lista (B)

(Continuano da pág. 1)

PROGRAMA DE ACÇÃO PARA O TRIÉNIO 1979-1981 DA LISTA AFECTA AOS PEQUENOS AGRICULTORES

Lista B é uma lista honesta e cheia de boa vontade de bem servir a Cooperativa.

Ao abrigo dos Estatutos a Lista B propõe ao eleitorado as linhas de acção que julga serem de maior interesse para todos os seus associados.

- 1.º — Será incondicionalmente fiel aos Estatutos;
- 2.º — Comprará tractores e máquinas para alugar aos seus associados, e fazer a distribuição de adubos pelos Postos e Associados;
- 3.º — Dentro das possibilidades, construir uma oficina de construção e reparação de máquinas agrícolas, de e para os Sócios;

4.º — Dar início à instalação de pelo menos 4 agências da Cooperativa, duas a norte do rio e duas a sul para dar satisfação aos sócios mais distantes da sede. As agências-postos deverão ser instaladas em terreno próprio, e deverá ter uma sala de ordenha para atender aos sócios mais próximos e logo que possível a construção de um estábulo e arrendamento de terras, não só para experiências como também incentivar o progresso da Agricultura.

5.º — Considerando que as salas de ordenha colectiva são ainda a forma que melhor respondem aos interesses dos produtores de leite; prometemos acelerar a instalação destas, como também, dar prioridade às freguesias que não as tenham, assim como fazer justiça aos ordenados dos encarregados das salas e de todos aqueles que servem a Cooperativa;

6.º — Abastecer a Cooperativa de sementes de forragem, e outras espécies de interesse para todos os seus associados.

Noticiário

Macieira de Rates (Barcelos)

Os sócios da Sala Colectiva de Penedo, queixaram-se ao nosso Jornal, de que as outras salas de ordenha da freguesia, pagam o leite para cima de 12 escudos o litro; a de Penedo, desde à muito tempo, só paga a 11 e pouco. A Voz do Lavrador, chama a atenção dos responsáveis: ou não existe higiene nesta sala, ou então, há alguém que tira leite do tanque e lhe põe água. O gaço da Aldeia de Penedo é alimentado em terras altas e nós, vimos no verão onde o leite deveria ser gordo.

A REVOLTA RURAL

(Continuado da pág. 1)

tica; tentamos, a muito custo, observar os processos. São todos políticos. E são os mesmos que a CAP usou para ir ao poder. O desespero contra a carístia da vida é grande; em qualquer lado se ouve dizer: morte ao governo e insultos de toda a ordem.

As reformas dos rurais são de mil e cem escudos, enquanto na cidade há quem receba (e muitos são), dez quinze e vinte contos e até mais por mês.

A reforma do trabalhador rural continua a ser a mais desprezada. A produção agrícola agrava-se por falta de escuamento organizado de uma grande gama de produtos. Não há preços, não há subsídios de perda de cultura nem seguro nacional. Agro Pecuário. Muitas propostas, senão todas, de empréstimos pedidos às caixas mútuas desde Setembro para cá, não são satisfeitas. E o caso da Caixa de Crédito Mútuo de Barcelos?

dem na Feira, de lado para lado, como é o caso da feira das mulheres que vendem galinhas e ovos no triângulo em frente à Bagoeira, que a Câmara empurrou para o lado dos horinóis, que vindo o sol cheira mal como o raio, para dar lugar aos tendeiros.

A Liga dos Agricultores de Barcelos exige que a Câmara ceda os dois quarteirões paralelos à Avenida da Liberdade; quer dizer, onde é a feira e mais o que tem a bomba de gasolina.

Director e Proprietário:

JOSÉ FERREIRA DA SILVA LOUREIRO

Redacção:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 48-3.º
BARCELOS

Composto e Impresso na

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

Ex. 1.500 — Preço 6\$00

O GOVERNO É O RESPONSÁVEL! ESCÂNDALO: BATATA DE SEMENTE

PROTECÇÃO DESCARADA A MEIA DÚZIA DE GRANDES IMPORTADORES!

O GOVERNO METE DE MÃO BEIJADA MILHARES DE CONTOS NOS BOLSOS DE MEIA DÚZIA DE GRANDES IMPORTADORES EM PREJUÍZO DOS AGRICULTORES E SUAS COOPERATIVAS.

O QUE SE PASSOU?

Batata de semente importada pela Junta Nacional das Frutas foi distribuída pela meia dúzia de importadores tradicionais com uma margem de lucro de uns 100\$00/saco.

Por sua vez, os importadores vendem às Cooperativas que, se querem, têm de pagar a pronto.

Desta forma, sem qualquer empenho de capital, sem qualquer espécie de despesas, de transporte ou outras, esses grandes senhores embolsam centenas e centenas de contos à custa da lavoura e do país.

A responsabilidade cabe ao *Secretário de Estado do Comércio Interno que por Despacho determinou, desprezando as propostas de Cooperativas e da própria Junta das Frutas.*

Este ano, mais uma vez, o Governo e a Junta protegeram os grandes importadores contra os Agricultores, Cooperativas e a Economia Nacional!

Como é do conhecimento geral as organizações da lavoura reclamaram com muita antecedência *que fosse a Junta a importar o grosso da batata de semente e a garantir o seu fornecimento em primeiro lugar às Cooperativas e agricultores.*

Embora inicialmente dissessem que sim, acabaram por dizer que não, porque receavam «não conseguir importação aos preços que conseguiam os importadores».

Agora mais do que nunca estas desculpas não enganam ninguém. A concorrência entre importadores mostrou à luz do dia os chorudos negócios e grandes lucros que dá a importação de batata de semente. Milhares e milhares de contos de divisas esbanjadas, prejuízo para a economia nacional.

A importação feita, por último, pela Junta mostra também *que as razões apontadas antes para não importar eram falsas.* Foi uma forma de mais uma vez garantir o domínio da importação a meia dúzia de grandes importadores.

O governo, ministros do Comércio e Turismo e Secretários de Estado do Comércio Interno deste e do anterior governo, têm responsabilidades e contrariamente a afirmações feitas não defenderam a economia nacional, nem as Cooperativas, nem os agricultores, pelo contrário.

O ATRASO NO FORNECIMENTO DA BATATA DE SEMENTE É DA RESPONSABILIDADE DESTES E DO ÚLTIMO GOVERNO E DA JUNTA!

Comprando com anos anteriores a batata de semente já há muito devia estar no agricultor, para este a tratar e semear nas melhores condições.

A responsabilidade desta situação deve-se à falta duma orientação do governo e da Junta pela defesa dos interesses da economia nacional, da lavoura, dos agricultores e suas cooperativas.

Se desde o início não houvesse hesitações e preocupação do governo e da Junta em proteger as grandes Firmas importadoras tra-

dicionais e mesmo todo o comércio privado, em prejuízo das Cooperativas, isto não acontecia.

Se desde o início fossem ouvidas e concretizadas as propostas das organizações da lavoura, de ser a Junta a importar e as Cooperativas a distribuir, a batata de semente teria chegado a tempo e horas aos agricultores.

As Cooperativas em geral ainda não receberam ou já receberam muito tarde as quantidades necessárias para satisfazer as requisições feitas pelos agricultores, porque dependem precisamente dos importadores.

Contrariamente a afirmações do Secretário de Estado do Comércio Interno, não são os importadores «o mais eficiente aparelho de distribuição». CADA VEZ MAIS SÃO, SIM, AS COOPERATIVAS E CADA VEZ MAIS DEVIAM SER APOIADAS NESSE SENTIDO PELAS ENTIDADES OFICIAIS.

O atraso no fornecimento da batata de semente é aproveitada por toda a espécie de intermediários,

que oferecem aos agricultores por preços superiores aos das tabelas.

Isto só ajuda a desprestigiar as cooperativas aos olhos dos agricultores. É este o apoio que o governo presta ao cooperativismo.

A ALIANÇA DAS LIGAS DO NORTE APELA A TODOS OS AGRICULTORES E ORGANIZAÇÕES DA LAVOURA NO SENTIDO DE RESPONSABILIZAREM O GOVERNO E EXIGIR O URGENTE FORNECIMENTO DA BATATA DE SEMENTE INDISPENSÁVEL.

BEM COMO INDEMNIZAR OS PREJUÍZOS CAUSADOS E COMPROMETER-SE COM LEGISLAÇÃO ADEQUADA EM SATISFAZER AS RECLAMAÇÕES DA LAVOURA PARA FUTURO, DE MODO A SER A JUNTA A IMPORTAR E AS COOPERATIVAS A DISTRIBUIR.

Porto, 13-3-79

ALIANÇA DAS LIGAS AGRÍCOLAS DO NORTE

UMA IMPORTAÇÃO DE VINHO CONTRA 350 000 VINICULTORES

A CNA vem mais uma vez alertar para a situação que vivem os vinicultores portugueses.

1. É facto comprovado que em várias regiões há dificuldade com a venda do vinho na produção porque a Junta Nacional do Vinho e o Governo decidiram fazer uma importação de 600 000 hectolitros de vinho, sem responderem claramente às perguntas que a Lavoura tinha colocado.

Recordamos:

Qual o stock vinícola em poder da JNV, das Adegas Cooperativas, dos armazenistas e dos Agricultores? Foi feito esse levantamento, tanto do vinho deste ano como dos anos anteriores? Para quem vão os lucros dessa importação? Porque é que se preocupam tanto com os eventuais prejuízos (?) dos exportadores se ninguém pensa nos prejuízos da Lavoura? Por que não foram devidamente consultadas as Organizações da Lavoura sobre esta importação?

Estas perguntas, várias vezes formuladas pela CNA, nomeadamente em 22 de Dezembro passado, ficaram sem resposta!

2. A CNA insiste ainda no sentido de que os protestos das Adegas Cooperativas do Centro e do Sul e das Ligas de Agricultores de Lisboa contra o Imposto de Transacção que recai sobre as Adegas e contra a fabricação de vinho a martelo merecem esclarecimento e uma resposta pronta da JNV e do Governo. Exige-se um combate sério aos mixordeiros e maior severidade nos castigos.

3. A CNA reclama ainda o fim da taxa do vinho sobre os produtores da área da JNV, que de há longos anos tem sido motivo de justos protestos, nomeadamente na região do Vouga. Não será com meros artifícios de pedidos de declaração de que «o vinho se estragou» que o problema se resolve. Aquilo que os produtores de vinho reclamam é o fim imediato e para sempre do pagamento da taxa do vinho.

4. A CNA reclama também que sejam criados sistemas apropriados de crédito e subsídios às Adegas Cooperativas para que estas possam fazer face à concorrência dos comerciantes e pagar a pronto aos

produtores, bem como apoio técnico e financeiro aos produtores para poderem melhorar as suas vinhas.

5. A CNA pergunta ainda se já há alguns estudos e em que estado se encontra a demarcação de novas regiões de vinho que já há muito o aguardam e quais as iniciativas oficiais para a melhoria da qualidade do vinho? Qual o aproveitamento e melhoria do funcionamento da rede de postos de aviso?

6. Finalmente, a CNA reclama uma muito clara explicação de todas as consequências para os produtores de vinho da entrada de Portugal no Mercado Comum. Será que essa entrada levará a medidas de violência, de limitações e de obrigação de corte de vinhas aos produtores portugueses?

Os Agricultores Portugueses interrogam-se!

Os Agricultores Portugueses não podem ficar na ignorância das respostas a estas questões!

O EXECUTIVO DA DIRECÇÃO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA